

O monta-carga

(Harold Pinter)

(Tradução: Márcio Westphalen)

Personagens

Gus

Ben

(Quarto em um sótão, em algum lugar de Birmingham. É uma noite de outono. Há duas portas a direita e esquerda, respectivamente, da parede do fundo do cenário. No centro da parede se vê uma saliência, que logo resulta ser um monta-carga. Há duas camas, uma à direita e outra à esquerda da saliência; a da direita pertence à Gus e a da esquerda pertence a Ben. Ambas têm as cabeceiras colocadas contra a parede e os pés ao público. Contra a parede da esquerda, à frente, há uma cadeira de encosto reto. A porta da esquerda leva ao banheiro e à cozinha. As duas camas estão feitas, mais algo as revira; em cada uma delas estão penduradas às gravatas, os coletes e as bolsas respectivas de ambos os homens. De baixo de cada travesseiro, um revolver e uma pistoleira)

(Ao levantar o pano, Ben está deitado na cama da esquerda, lendo o diário. Gus está sentado, no lado direito da cama da direita, amarrando com dificuldade os cadarços dos sapatos. Os homens vestem camisas de manga, com calças compridas e suspensórios. Gus ata os cadarços, se levanta, boceja, e começa a caminhar devagar até a porta da esquerda. Detêm-se, abaixa o olhar e sacode um pé. Ben abaixa o diário e observa Gus. Gus se ajoelha e desata o sapato; e o tira lentamente. Olha para dentro dele e tira uma caixa de fósforos achatada, que sacode e examina. O olhar de ambos se encontra. Ben agita o diário e lê. Gus guarda a caixa de fósforos em seu bolso e se agacha para colocar o sapato. Com dificuldade amarra os cadarços. Ben baixa o diário e o observa. Gus se ajoelha, desata os cadarços, e de novo tira lentamente os sapatos. Olha dentro e tira um maço de cigarros amassados. O sacode e o examina; novamente os olhares de ambos se encontram. Ben move o diário fazendo um ruído e segue lendo. Gus guarda o maço no bolso, se agacha põe o sapato e o ata. Logo se afasta para a esquerda. Ben atira com violência o diário sobre a cama e segue a Gus com o olhar bravo. Pega o diário e se deita na cama de barriga para cima, lendo. Segue um silêncio. Logo se ouve um ruído da corrente do banheiro. Puxada duas vezes, mas sem que a água corra. Este ruído vem da esquerda. Silêncio de novo. Gus volta a entrar pela esquerda e detêm-se na porta, coçando-se a cabeça. Ben atira o diário com força)

BEN – Uaajj!!! (*pega o diário*) O que tu achas disto? Escuta. (*Referindo-se ao diário*) Um homem de oitenta e sete anos quis cruzar a rua. Mas havia muitíssimo trânsito. Não encontrava maneira de passar. Em vista disso, se mete de baixo de um caminhão.

GUS – Que fez?

BEN – Se meteu debaixo de um caminhão. Um caminhão estacionado.

GUS – Não!

BEN – O caminhão começou a andar e o passou por cima.

GUS – Bah!

BEN – É o que diz aqui.

GUS – É, as coisas que passam!

BEN – É como fazê-lo se vomitar, certo?

GUS – Quem lhe recomendou que fez a coisa da semelhança?

BEN – Um homem de oitenta e sete anos se mete de baixo de um caminhão!

GUS – Não é para acreditar.

BEN – Aqui está, em letras de fôrma.

GUS – Incrível! (*Silêncio. Gus balança a cabeça e sai pela esquerda. Novamente, desde fora à esquerda, um puxão da corrente do banheiro, mas a água não corre. Ben vaia diante a um artigo do diário. Volta Gus*) Quero te perguntar uma coisa.

BEN – Que tu estavas fazendo ali fora?

GUS – Bom, estava...

BEN – Que tem de chá?

GUS – Ia exatamente a preparar-lo.

BEN – Bom, prepare-o.

GUS – Sim, já vou. (*Se senta na cadeira da esquerda. Jogando com seus pensamentos*) O que poço dizer é que desta vez pus uma louça muito bonita. Com uma espécie de barras. Barras brancas. (*Ben lê*) É muito bonita. Não tenho dúvida. (*Ben volta à folha*) Na xícara. Na borda, ao redor. O resto é todo preto, sabe? O pires é preto, menos no meio, onde se

coloca a xícara. Ali é branco. *(Ben lê)* Os pratos são iguais, sabe? Só que tem uma barra preta... os pratos, que os atravessa pelo centro. Sim, estou encantado com a louça.

BEN – *(sem deixar de ler)* Para que queres pratos? Não vais comer.

GUS – Eu trouxe uns biscoitos.

BEN – Bom, será melhor que os coma logo.

GUS – Sempre trago alguns biscoitos. Ou uma torta. É que... Claro, não posso tomar chá se não como algo.

BEN – Bom, nesse caso, quer preparar o chá? Estamos perdendo tempo.

(Gus tira o maço amassado de cigarros e o observa)

GUS – Tem cigarros? Acho que os meus terminaram. *(Atira o maço para cima e logo se inclina para pegar-lo)* Espero que este trabalho não seja muito cumprido. *(Fazendo pontaria com cuidado, atira o maço debaixo da cama)* Oh! Queria te perguntar uma coisa.

BEN – *(arremessando o diário)* Bahh!

GUS – Que ouviu?

BEN – Uma criatura de oito anos matou um gato.

GUS – *(Não acreditando)* Vamos!

BEN – É verdade! O que tu acha? Uma criatura de oito anos que mata um gato.

GUS – E como o fez esse menino?

BEN – Era uma menina.

GUS – E como o fez essa menina?

BEN – E... *(Levanta o diário e o observa)* Não explica.

GUS – Por que não?

BEN – Espera um momento. Diz somente... “O irmão, que tem onze anos, considerou o incidente desde o galpão das ferramentas.”

GUS – Oh!

BEN – Isso é completamente ridículo.

(Pausa)

GUS – Eu apostaria qualquer coisa de que foi ele.

BEN – Quem?

GUS – O irmão.

BEN – Acho que tens razão. *(Pausa. Arremessa o diário ao solo)* O que tu achas? Um menino de onze anos que mata um gato e coloca a culpa na irmã, de oito anos. É como para...

(Se detêm repentinamente, com desgosto, e pega o diário. Gus se levanta)

GUS – A que horas tem que ligar?

BEN – O que ouve? Pode ser a qualquer hora, qualquer hora.

GUS – *(Dirigindo-se aos pés da cama de Ben)* Bom, eu queria te perguntar uma coisa.

BEN – O que?

GUS – Tem notado o tempo de demora do tanque para encher?

BEN – Que tanque?

GUS – O do banheiro.

BEN – Não! Demora?

GUS – É terrível.

BEN – Bom, e então?

GUS – Que tu acha que acontece?

BEN – Nada.

GUS – Nada?

BEN – Simplesmente, tem o ralo descomposto.

GUS – Descomposto, o que?

BEN – O ralo.

GUS – Não! De verdade?

BEN – É o que eu diria.

GUS – Caramba! A mim não me ocorreu. *(Caminha como ao acaso até sua cama e aperta o colchão)* Hoje eu não dormi bem. E tu? Esta não é uma grande cama. *(lembra de uma foto na parede do fundo, à direita)* Oh! O que é isso? *(olhando-a fixamente)* “Os primeiros onze”. Diabos! Viste isso?

BEN – *(lendo)* Que?

GUS – Os primeiros onze.

BEN – Onze o que?

GUS – Um retrato que tem aqui... Dos primeiros onze.

BEN – Que primeiros onze?

GUS – *(fixando-se na foto)* Não o diz.

BEN – E o que tem de chá?

GUS – Todos me parecem um pouco velhos. *(Se move para frente com os passos oscilantes, olha à frente e logo todo o quarto)* Não gostaria de viver neste lugar. Poderia deixar passar se tivesse ao menos uma janela, porque então poderíamos olhar para fora.

BEN – Para que tu queres uma janela?

GUS – Eu gosto de ter um pouco de vista, Ben. Ajuda a passar o tempo. *(Caminha pelo quarto)* Quero dizer que entra em um lugar quando ainda está escuro, entra em um quarto que nunca havia visto, dorme todo o dia, faz o que tem de fazer, e logo se aventura pela noite. *(Pausa)* Eu gosto de ver um pouco o panorama. Neste trabalho nunca tem oportunidade.

BEN – Não tem dias livres?

GUS – Só a cada quinzena.

BEN – *(abaixando o diário)* é o cúmulo! Qualquer um pensaria que trabalha todos os dias. Quantas vezes nos dão um trabalho? Uma por semana? E de que te queixas?

GUS – Sim, mas temos que estar prontos, certo? Não é possível sair de casa desde que liguem.

BEN – Sabe o que ti acontece?

GUS – Que?

BEN – Que não toma interesse por nada. Não tem hobby, passatempos.

GUS – Tenho hobby.

BEN – Deixa-me ver, adivinha. Qual é um dos meus?

GUS – Não sei. Qual?

BEN – Eu tenho meus trabalhos em madeira. Meus modelos de navios. Viu-me alguma vez sem fazer nada? Nunca estou inútil. Sei ocupar meu tempo na forma mais vantajosa. E então, quando ligam, estou pronto.

GUS – Não te aborrece um pouco?

BEN – Aborrecer-me? De que?

(Silêncio. Ben lê. Gus remexe os bolsos da bolsa, que está pendurada na cama)

GUS – Tem cigarros? Acabei ficando sem nenhum. *(Ruído do tanque do banheiro afora à esquerda)* Outra vez! *(Se senta na sua cama)* Não, eu quero descer... Eu digo que a louça é boa. Sim. Muito bonita. Mas é tudo o que eu posso dizer desse lugar. Pior que da vez anterior. Lembras-te do último lugar em que trabalhamos? A última vez... Onde era? Lá pelo menos tinha rádio. Não, é sério. Não parece te preocupar muito nosso conforto esses dias.

BEN – Quando tu parras de falar?

GUS – Vais a ganhar um reumatismo se ficares muito tempo num lugar como esse.

BEN – Não ficaremos muito. Faz o chá, queres? Dentro de um momento estaremos trabalhando.

(Gus pega uma pasta que está junto a cama e saca um pacote de chá. O examina e levanta o olhar)

GUS – É! Queria te perguntar uma coisa.

BEN – Caramba! Que ouve agora?

GUS – Por que nesta manhã parasse o carro na metade dessa rua?

BEN – *(abaixando o diário)* Achei que tivesse dormido.

GUS – Estava dormindo, mas me acordei quando parou. Porque paraste, certo? *(Pausa)* Na metade da rua. Ainda estava escuro. Lembra-te? Eu olhei para fora. Estava nublado. Pensei que ao melhor que querias dormir um pouco. Mas estavas muito empertigado e quieto no carro, como se estivesse esperando algo.

BEN – Não esperava nada.

GUS – Sem dúvida eu voltei a dormir. O que aconteceu? Porque parou ali?

BEN – *(voltando ao diário)* Era muito sedo.

GUS – Sedo? *(Se levanta)* O que queres dizer? Nos ligaram, te lembra? E tínhamos que ir em seguida. E o fizemos. Andamos imediatamente. Como era possível que fosse muito sedo?

BEN – *(calmo)* Quem recebeu a ligação, tu ou eu?

GUS – Tu.

BEN – Chegamos muito sedo.

GUS – Muito sedo para que? *(Pausa)* Queres dizer que alguém tinha que sair antes que entrássemos? *(Examina a roupa de cama)* Me pareceu que estes lençóis não estavam como deviam. Estavam muito sujos. Essa manhã, quando entrei, me senti muito cansado e não me dei conta. Isto é tomar-se de liberdade, certo? Eu não quero que meus lençóis sejam usados em outras camas. Já te disse que as coisas vão de mal a pior. Antes, os lençóis sempre estavam limpos. Agora me dei conta.

BEN – De onde tirou que não estão limpos?

GUS – O que tu quer dizer?

BEN – Como tu sabes que não estavam limpos? Passou o dia inteiro metido entre eles, não é assim?

GUS – Como? Queres dizer que a sujeira é minha? *(cheira os lençóis)* Sim. *(Se senta devagar na cama)* Talvez seja isso, sim. É difícil comprovar. Na realidade não sei que odor exalo... Isso é ruim.

BEN – *(referindo-se ao diário)* Uuff!

GUS – É Ben!

BEN – Uuff!

GUS – Ben!

BEN – Que?!

GUS – Em que cidade estamos? Me esqueci?

BEN – Já te disse. Em Birmingham.

GUS – Segue! (*observa o quarto com interesse*) Vem a ficar na região do centro. Em importância, a segunda cidade da Grã Bretanha. (*Estrala os dedos*) Eh... É sexta hoje? Amanhã será sábado.

BEN – E ...

GUS – (*emocionado*) Podíamos ir ao clube Villa, para ver a partida.

BEN – Jogam fora de casa.

GUS – Oh! De verdade? Uff! Que lástima!

BEN – De todo modo, não há tempo. Teríamos que estar de volta em seguida.

GUS – Em outras ocasiões o fazemos, não é assim? Acaso não ficamos de ver a partida? Devemos descansar um pouco.

BEN – As coisas estão ficando mais difíceis, muito. Mais difíceis.

(*Gus ri pra si*)

GUS – Vi o Villa cair derrotado em um campeonato uma vez. Com quem era? Ah! Sim, uns de camisas brancas. Ao terminar o primeiro tempo, estavam um a um. Os outros ganharam por um pênalti. E logo falam de drama! Sim, um pênalti discutido. Discutido. Perderam por dois a um, por causa do pênalti. Tu estavas lá também.

BEN – Eu não.

GUS – Sim, estavas. Não te lembra do pênalti discutido?

BEN – Não.

GUS – O jogador caiu no chão justamente na área. Eu não acreditava que aquele indivíduo o tivesse atingido. Mas ele protestou em seguida.

BEN – Que não atingiu! Mas o que estavas dizendo? O atirou no chão.

GUS – Não, o Villa, não. O Villa não joga assim.

BEN – Vamos, por favor!

(*pausa*)

GUS – Oh! Teve que ser aqui, em Birmingham.

BEN – O que teve de ser?

GUS – A partida do Villa. Sem dúvida foi aqui.

BEN – Estavam jogando em outro lugar.

GUS – Diz por que sabe qual era a outra equipe? Eram os Spurs. Os Hotspurs de Tottenham.

BEN – E o que tem isso?

GUS – Nós nunca fomos trabalhar em Tottenham.

BEN – Como tu fica tão certo?

GUS – Se fosse sido em Tottenham, eu lembraria.

(Bem, se ajeita na sua cama para olhá-lo)

BEN – Não me faça rir, quer?

(Volta a ler. Gus boceja)

GUS – *(falando no meio do bocejo)* Que horas ligaram? *(Pausa)* Sim, eu gostaria de ver outra partida de futebol. Sempre fui fã de futebol. Olha, o que tu acha de irmos ver os Spurs amanhã?

BEN – *(monotonamente)* Jogam fora do seu campo.

GUS – Quem?

BEN – Os Spurs.

GUS – Então poderiam jogar aqui.

BEN – Não seja estúpido.

GUS – Se jogam fora de casa, podem jogar aqui. Podia ser que jogassem com o Villa.

BEN – *(monótono)* Mas o Villa joga fora de casa.

(Pausa. Por debaixo da porta direita aparece um envelope. Gus o percebe. Levanta-se e o olha)

GUS – Ben!

BEN – Em outro lugar. Jogam em outro lugar.

GUS – Olha, Ben.

BEN – Que?

GUS – Olha.

(Bem vira a cabeça e vê o envelope. Sem coloca de pé)

BEN – O que é isso?

GUS – Não sei.

BEN – De onde saiu?

GUS – Debaixo da porta.

BEN – Bom, mas o que é?

GUS – Não sei.

(Olham fixamente o envelope)

BEN – Levanta-o.

GUS – O que tu quer dizer?

BEN – Que o levantes. *(Ben vai devagar para onde se encontra o envelope, se agacha e pega-o)* O que é?

GUS – Um envelope.

BEN – Tem algo escrito?

GUS – Não.

BEN – Está fechado?

GUS – Sim.

BEN – Abre-o.

GUS – O que?

BEN – Que o abra! *(Gus o abre e olha adentro)* Que tem dentro?

(Gus deixa cair em sua mão doze fósforos)

GUS – Fósforos.

BEN – Fósforos?

GUS – Sim.

BEN – Mostra-me. *(Gus estica o envelope. Ben o examina)* Nada escrito. Nenhuma palavra.

GUS – Verdade que és curioso?

BEN – E entro por debaixo da porta?

GUS – Seguramente.

BEN – Bom, vejamos.

GUS – Vai aonde?

BEN – Abra a porta. Talvez alcance alguém lá fora.

GUS – Quem? Eu?

BEN – Vamos.

(Gus o olha, e guarda os fósforos em um bolso, vai até a cama e tira um revólver de baixo do travesseiro. Dirige-se a porta direita, a abre, olha para fora e fecha)

GUS – Nada.

BEN – Tiveram de ser muito rápidos.

(Gus tira os fósforos do bolso e olha-os)

GUS – Bom, me vem muito bem.

BEN – Sim.

GUS – Não é certo?

BEN – Sim. Sempre ficas sem fósforos, verdade?

GUS – Sempre.

BEN – Por isso me vem muito bem.

GUS – Sim.

BEN – Não é certo?

GUS – Sim, vão me ser muito úteis. Muito úteis.

BEN – Não é certo?

GUS – Sim.

BEN – Por quê?

GUS – Porque não tenho nenhum.

BEN – Bom. Mas agora tens uns quantos, verdade?

GUS – Já posso acender a chaleira.

BEN – Sim. Sempre anda pedindo fósforos a outros. Quantos tens agora?

GUS – Uma dúzia mais ou menos.

BEN – Não vai perdê-los. Ainda mais são coloridos. Nem sequer precisas de uma caixa. *(Gus remexe a orelha com um fósforo. Ben o dá uma palmada na mão)* Não os desperdice! Vamos, acende.

GUS – Eh?

BEN – Que acendas.

GUS – Que acenda o que?

BEN – A chaleira.

GUS – Queres dizer o gás!

BEN – Quem?

GUS – Tu.

BEN – *(entrefechando os olhos)* Que queres dizer com isso de que quis dizer o gás?

GUS – Bom. Não é isso o que quiseste dizer? O gás.

BEN – *(com energia)* se te digo que vais a acender a chaleira, quero dizer que acendas a chaleira.

GUS – Como é possível acender uma chaleira?

BEN – É uma figura de linguagem! Acender a chaleira. Figuras de linguagem.

GUS – Jamais ouvi tal coisa.

BEN – Acender a chaleira! Mas é o que todo mundo diz!

GUS – Penso que tu está equivocado.

BEN – *(ameaçante)* O que tu queres dizer?

GUS – Se diz colocar a chaleira no fogo.

BEN – *(muito seco)* Quem te disse? *(Se olham respirando com força. Com deliberação)* em toda a minha vida, jamais ouvi que ninguém dissesse colocar a chaleira no fogo.

GUS – Aposto qualquer coisa, que minha mãe te diria.

BEN – Tua mãe? Desde quando não a vê?

GUS – Não sei; mais ou menos...

BEN – Então, porque fala da tua mãe? *(Se olham)* Gus, não é não queira ser razoável. Mas trato de te fazer compreender uma coisa.

GUS – Sim, mas...

BEN – Quem é o sócio principal aqui, tu ou eu?

GUS – Tu.

BEN – O que faço é zelar pelo teu bem, Gus. Tem que aprender, amigo.

GUS – Sim, mas eu nunca ouvi...

BEN – *(com veemência)* Ninguém diz acender o gás.

GUS – Então o que é que se acende?

BEN – *(tomando-o o pescoço com ambas as mãos estendidas)* A CHALEIRA, IMBECIL!

(Gus afasta as mãos de Ben)

GUS – Está bem, está bem.

(Pausa)

BEN – Bom, o que está esperando?

GUS – Quero vê se acendem.

BEN – Que?

GUS – Os fósforos. *(Tira do seu bolso a caixa amassada e trata de acender um fósforo)*
Não. *(Atira a caixa debaixo da cama. Ben o contempla fixamente. Gus levanta um pé)* Faça
uma prova aqui? *(Ben o olha fixamente. Gus esfrega o fósforo na sola e o fósforo se
acende)* Pronto.

BEN – *(cansado)* Vamos ver se coloca a maldita chaleira no fogo, pelo amor de Deus!

*(Vai até a sua cama, se detém, se dando conta do que havia dito, e volta ao meio. Gus se
retira devagar pela esquerda. Ben atira o diário com força na cama e se senta nela,
apoiando a cabeça nas mãos. Volta a entrar Gus)*

GUS – Já está pronto.

BEN – O que?

GUS – A fornalha. *(Vai a sua cama e se senta no lado direito)* O que vai acontecer esta
noite? *(Silêncio)* Eh! Queria te perguntar uma coisa.

BEN – *(colocando as pernas sobre a cama)* Oh, pelo amor de Deus!

GUS – Não, queria te perguntar uma coisa.

(Se levanta e se senta na cama de Ben)

BEN – Para que te sentas na minha cama? O que é que está acontecendo? Sempre estás
fazendo perguntas. O que está acontecendo com você?

GUS – Nada.

BEN – Antes não era acostumado a fazer todas essas malditas perguntas. Esta te atacando?

GUS – Nada... Estava pensando...

BEN – Pois então não penses. Tens que fazer um trabalho. Por que não te dedicas a isso e
deixa de falar?

GUS – Era disso que queria falar-te.

BEN – De que?

GUS – Do trabalho.

BEN – Que trabalho?

GUS – *(estimando)* Pensei que talvez soubesse de algo. *(Ben o olha)* Me ocorreu que talvez tu... Quero dizer que se... Tens alguma idéia... Do que vai ocorrer essa noite.

BEN – Vai ocorrer com quem?

(Se olham)

GUS – *(finalmente)* A quem seja.

(Silêncio)

BEN – Te sente bem?

GUS – Evidente.

BEN – Vá preparar o chá.

GUS – Sim, evidente. *(Gus sai pela esquerda. Ben o segue com o olhar. Logo tira seu revólver de baixo do travesseiro e olha se está carregado. Volta a entrar Gus)* Não sai gás.

BEN – E que?

GUS – Tem um medidor.

BEN – Eu não tenho dinheiro.

GUS – Eu muito menos.

BEN – Terás que esperar.

GUS – A quem?

BEN – A Wilson.

GUS – O melhor não vem. Podia ser que enviasses uma mensagem. Nunca vem.

BEN – Bom, então terá que arrumar sem dinheiro.

GUS – Caramba!

BEN – Logo tomarás tua xícara de chá. Que ouve?

GUS – Queria tomar-la antes.

(Ben levanta o revólver para a luz e o lustra)

BEN – De todo modo, será melhor que te prepare.

GUS – Bem, eu não sei, mas isso é um pouco demasiado em vista do que resta. *(Pega o pacote de chá da cama e o mete na mala)* Depois de tudo, esta é sua casa, e pode-se ficar marcado se havia gás para uma xícara de chá.

BEN – O que é isso de que essa é sua casa?

GUS – Não é?

BEN – No máximo a alugou. Não se faz falta de que seja sua.

GUS – Eu sei que é. Apostaria que é dono da casa inteira. Nem sequer se preocupa de que haja gás. *(Se senta no lado direito da sua cama)* A casa é sua, claro que sim! Lembra os outros lugares. Vá nesse endereço e encontra uma chave, encontras uma terra, nunca se vê nada... *(Pausa)* Ah! Ninguém ouve nada. Nunca se queixam de nós, certo? Porque fazemos muito barulho, nem coisa parecida. Jamais se vê uma viva alma, certo? Tirando o indivíduo que vem. Já te deu conta? Será que estas paredes não deixam que passem os sons? *(Toca a parede em cima da sua cama)* Não é possível averiguar. Tudo o que podemos fazer é esperar, certo? A metade das vezes, esse Wilson nem se quer se incomoda de vir pessoalmente.

BEN – Pra que? É um homem ocupado.

GUS – *(pensativo)* A mim me custa um trabalho falar com ele... Com Wilson. Sabias Ben?

BEN – Acaba com isso, queres?

(Pausa)

GUS – Há várias coisas que queria perguntar-lhe. Mas as vezes em que o vejo, não consigo fazer. *(Pausa)* Eu tenho pensado sobre o mais atrasado.

BEN – Que atrasado?

GUS – A menina. *(Bem pega o diário e o lê. Gus se levanta e olha Bem, se dirigindo para abaixo a vista)* Quantas vezes vais ler este diário?

BEN – *(irritado)* O que queres dizer?

GUS – Me pergunto que quantas vezes...

BEN – Mas o que está fazendo? Criticando-me?

GUS – Não, eu somente...

BEN – Vou de dar um bom tapa na orelha se não tiveres mais cuidado.

GUS – Bom, mas olha, Ben...

BEN – Não olho nada! *(dirigindo-se a cena)* Quantas vezes eu? ... Isso sim que é tomar liberdade!

GUS – Não foi essa minha intenção.

BEN – Segue por esse caminho, amigo. Segue, sim; segue nada mais.

(Volta a cama)

GUS – Eu estava simplesmente, pensando nessa menina. *(Se senta em sua cama)* Não era uma grande beleza, já sei; mas, de todo modo... Um pouco... Frouxa. Certo? Que coisa rara! Sério, não lembro de um caso igual. Parece que não se mantiveram firmes como os homens. Uma composição mais solta... Como quem diz. Que maneira de se elevar, né? Estava grossa, sim! Ahhh! Mas eu queria perguntar-lhe... *(Bem incorpora na cama e se aperta os olhos com as mãos)* Quem limpa depois que nós vamos? Tenho curiosidade de saber. Quem faz a limpeza? No mínimo, não limpam nada. Talvez deixem as coisas como estão, não? O que tu acha? Quantos trabalhos temos feito? Oh! Não posso contar-los. E se nunca limpam depois que saímos?

BEN – *(lastimavelmente)* Estúpido! Chegou a pensar que somos os únicos nesta organização? Põe um pouco de sentido comum. Tem seções para tudo.

GUS – Que! Limpadores também?

BEN – Idiota!

GUS – Não, o que me fez pensar foi a menina...

(Se ouve um ruído metálico no inchamento da parede, como de algo que desce. Ben e Gus assustados pegam seus revólveres e observam a parede. O ruído para. Silêncio. Olham-se. Ben faz um gesto nervoso em direção a parede. Gus se aproxima devagar. A bate com o revólver. É oca. Ben vai até a cabeceira da sua cama, apontando com o revólver. Gus deixa seu revólver na cama e golpeia a parte inferior da placa do centro. Encontra uma junção. Levanta a placa. Aparece uma porta de serviço, a de um monta-carga. Mantido pelas polias, há uma caixa vazia. Gus olha fixamente dentro da caixa. Tira uma parte de papel)

BEN – O que é?

GUS – Olha.

BEN – Lê.

GUS – *(lendo)* “Dois bifés dourados com batatas fritas. Dois potinhos de sagu. Dois chás sem açúcar.”

BEN – Deixa-me ver isso.

(Toma o papel de Gus)

GUS – *(para si mesmo)* dois chás sem açúcar.

BEN – Huummm!

GUS – O que me contas disso?

BEN – Bom...

(A caixa sobe. Ben aponta com o revólver)

GUS – Por que não nos deixam para pensar? Tem pressa pelo visto. *(Ben volta a ler a nota. Gus olha por cima do ombro de Ben)* Isso é pouco... Um pouco estranho. Não parece?

BEN – *(rapidamente)* Não, não é estranho. Provavelmente teve um café aqui... E nada mais. Acima. Estas casas trocam de dono muito rápido.

GUS – Um café?

BEN – Sim.

GUS – Ah! Queres dizer que aqui em baixo estava a cozinha?

BEN – Sim, estas casas trocam de dono da noite pro dia. Entram em liquidação. Os donos do negócio, sabe? Chegam a conclusão de que não produzem o bastante e mudam.

GUS – Logo os que estavam aqui, descobriram que não ganhavam o suficiente e se foram?

BEN – Exatamente!

GUS – MUITO BEM, MAS QUEM É O DONO AGORA?

(Silêncio)

BEN – O queres dizer com isso, de quem é o dono agora?

GUS – Quem maneja o negócio? Se alguém se foi, quem veio?

BEN – Bom, isso depende de...

(Com um ruído e um sopro seco, desce a caixa. Ben prepara seu revólver. Gus vai para a caixa e tira um papel)

GUS – *(lendo)* “Sopa do dia. Fígado acebolado. Torta com goiabada.”

(Pausa. Gus olha Ben. Ben toma a nota e lê. Caminha devagar até a porta do monta-carga. Gus o segue. Bem olha dentro, mas não para cima. Gus posa uma mão no ombro de Bem. Bem se sacode. Gus leva um dedo a boca. Agacha-se dentro da cavidade e olha rapidamente pra cima. Bem o separa alarmado, contempla a nota, atira na cama o seu revólver e fala de forma decidida)

BEN – Seria melhor mandar alguma coisa para os de cima.

GUS – Eh?

BEN – É conveniente que mandemos algo.

GUS – Oh, sim, sim! Talvez tenhas razão.

(Os dois se sentem satisfeitos com a idéia)

BEN – *(com firmeza)* Pronto! Que tens na mala?

GUS – Pouca coisa. *(vai até a porta e grita para cima)* Um momento!

BEN – Não faça isso!

(Gus examina o conteúdo da mala e tira as coisas uma por uma)

GUS – Biscoitos. Uma barra de chocolate. Meio litro de leite.

BEN – Nada mais?

GUS – Um pacote de chá.

BEN – Bom.

GUS – Não podemos mandar o chá. É o único que temos.

BEN – Bem, mas não tem gás. Sem gás não se pode fazer nada.

GUS – Quem sabe os de cima não nos mandem um...

BEN – Que outra coisa tens aí?

GUS – *(metendo a mão na mala)* Um pastelzinho de coco.

BEN – Um pastelzinho de coco?

GUS – Sim.

BEN – Nunca me disse que tinhas tal coisa.

GUS – Não te disse?

BEN – Por que só um? Não trouxe um para mim?

GUS – Não pensei que gostavas.

BEN – Bom, de todo modo não poderá mandar um pastelinho de coco somente.

GUS – Por que não?

BEN – Alcança-me um desses pratos.

GUS – Está bem. *(Vai para a porta da esquerda e se detém)* Queres dizer que posso ficar com o pastel de coco?

BEN – Ficar com ele?

GUS – Bom, esses outros não sabem que o temos, verdade?

BEN – Não se trata disso.

GUS – E não posso ficar com ele?

BEN – Não. Traz o prato.

(Gus sai pela esquerda. Ben olha dentro da mala e tira um pacote de batatas fritas. Gus entra trazendo um prato)

BEN – *(com tom acusador, segurando alto as batatas fritas)* De onde saiu isso?

GUS – Que?

BEN – Estas batatas fritas?

GUS – Aonde as encontrou?

BEN – *(o bate no ombro)* Ah, cara, esta me fazendo jogadas muito feias!

GUS – As como somente com cerveja.

BEN – E de onde tu vai tirar cerveja?

GUS – Estava economizando para comprar.

BEN – Isso eu não vou esquecer. Põe tudo no prato. *(Empilham tudo no prato. A caixa sobe sem o prato)* Um momento!

(Permanecem em pé)

GUS – Se foi!

BEN – Todo por tua estúpida culpa, pelas merdas que faz!

GUS – E agora o que fazemos?

BEN – Temos que esperar que baixe. *(Põe o prato sobre a cama e carrega a pistoleira no ombro; começa a colocar a gravata)* Seria melhor que te preparasse.

(Gus vai até a sua cama, se põe a gravata e começa a acomodar a pistoleira)

GUS – Eh, Ben!

BEN – Que?

GUS – Que ouve aqui?

(Pausa)

BEN – O que queres dizer?

GUS – Como é possível que isso seja um café?

BEN – Era um café.

GUS – Viu o fogão?

BEN – E que?

GUS – Tem somente três bocas.

BEN – E o que tem isso?

GUS – É que não se pode fazer muitas coisas com três bocas, ainda mais em um lugar com muito movimento como este.

BEN – Por isso o serviço é tão lento!

(Coloca o colete)

GUS – Sim, mas o que acontece quando não estamos aqui? O que fazem então? Todos esses pedidos de cardápio que descem e não sobe nada. É possível que isso ocorra desde muitos anos. *(Ben limpa a bolsa)* Que acontece quando não estamos? *(Ben coloca a bolsa)* Não podiam fazer grande negócio. *(Baixa a caixa. Olham-se. Gus vai até ela e tira a nota)* “Prato de macarrão. Armitha macarronada.”

BEN – Pratos gregos.

GUS – Não.

BEN – Tens razão.

GUS – É gente muito fina.

BEN – Pronto, antes que se vá!

(Gus põe o prato na caixa)

GUS – *(gritando pela cavidade para cima)* Três conservas de Mc Vitie e Price! Uma cerveja Lyons rótulo preto! Um pacote de batatas frita Smith! Uma torta de coco! Uma fruta e nozes!

BEN – Queijo!

GUS – *(pela cavidade)* Queijo!

BEN – *(dando-lhe o leite)* Uma garrafa de leite!

GUS – *(gritando para cima na cavidade)* Uma garrafa de leite! De meio litro! *(olha o rótulo)* Express Dairy! *(a caixa sobe)* Cheguei a tempo.

BEN – Não tinha que gritar desse jeito.

GUS – Por que não?

BEN – Não se acostuma *(vai até a sua cama)* Bom, agora isso deveria bastar.

GUS – Achas?

BEN – Por que não te vestes? Em qualquer momento, vai estar aqui de volta.

(Gus põe o colete. Bem se deita na cama e olha o céu sem nuvens)

GUS – Que casa é essa! Sem ter biscoitos!

BEN – De tanto comer ficas preguiçoso, amigo. Sabias que esta ficando preguiçoso? Para o trabalho tem que estar pronto.

GUS – Te referes a mim?

BEN – Claro! Perdes tempo.

GUS – Eu, perco tempo?

BEN – Já revisaste teu revólver? Tem um aspecto horrível. Porque não o lustra alguma vez?

(Gus esfrega o revólver no lençol. Ben tira um espelho do bolso e arruma a gravata)

GUS – Onde estará o cozinheiro? Sem dúvida tiveram uns quantos pra fazer frente ao movimento. No mínimo tinham outros fogões. Eh! Quem te disse que não tinha uma no corredor?

BEN – Claro que sim! Sabes quanto tempo demora para se fazer uma ormitha macarronada?

GUS – Não. Por quê?

BEN – Uma ormitha! Vamos ver se não te refresca as idéias!

GUS – Fazem falta uns quantos cozinheiros, não? *(coloca o revólver na pistoleira)* O quanto antes saímos desta casa, melhor. *(coloca a bolsa)* Por que não se comunica com nós, esse homem? Parece que estou aqui há anos. *(Tira o revólver da pistoleira e olha se está carregado)* Mas, no entanto, não o vimos falar nunca, verdade? Nunca o vimos falar. Sabes, Ben? Estava pensando nele justamente outro dia. Somos, cumpridores, verdade? *(Volta a guardar o revólver na pistoleira)* No entanto, me alegrarei quando tudo isso tenha terminado. *(Alisa a bolsa)* Ojalá que o indivíduo não fique nervoso essa noite nem coisa do tipo! Me sinto um pouco esquisito. Tenho uma dor que me parte a cabeça. *(Silêncio. Baixa o monta-carga. Ben se coloca em pé em um pulo. Gus toma a nota. Lendo)* “Uma cesta de bambu com castanhas e frango.”

BEN – Ah!

GUS – *(olha na caixa. O pacote de chá está dentro)* Devolveram o pacote de chá?

BEN – *(ofegante)* Por que fizeram isso?

GUS – Talvez não seja a hora do chá.

(Sobe o elevador. Silêncio)

BEN – *(atirando o chá sopra a cama com ansiedade)* Eu acredito que é melhor dizer-lhes.

GUS – Dizer-lhes o que?

BEN – Que não podemos fazer-lo. Que não temos os elementos.

GUS – E terão gostado das outras coisas?

BEN – Me empresta o lápis. O escrevemos uma nota.

(Gus ao se voltar, para pegar um lápis, encontra um tubo acústico, que pende na parede a direita da porta do monta-cargas, em frente a sua cama)

GUS – E isso o que é?

BEN – Que?

GUS – Isso.

BEN – *(examinando)* Isso? É um tubo acústico.

GUS – Desde quando está ali?

BEN – É o que corresponde. Devíamos usar-lo antes, em vez de gritar pela cavidade.

GUS – É curioso, que não tenham nos advertido antes.

BEN – Bom, vamos.

GUS – O que é que se faz?

BEN – Vê isso? É um apito.

GUS – O que? Isso?

BEN – Sim. Tira-o. Tira-o. *(Gus o faz)* Assim!

GUS – E agora?

BEN – Sopra.

GUS – Sopro?

BEN – Soprando, se soa. Então se dão conta de que queres falar. Sopra.

(Gus sopra. Silêncio)

GUS – *(com o tubo na boca)* Não ouço nada.

BEN – Agora fala! Fala pelo tubo!

(Gus olha Ben, e logo fala pelo tubo)

GUS – A despensa está vazia!

BEN – Me dá isso. *(Toma o tubo e leva a boca; fala com grande diferença)* Boa noite. Lamento... Incomodá-los, mas nos parece melhor lhes fazer saber que não temos nada.

Mandamos tudo o que tínhamos. Aqui em baixo, não tem mais comida. *(Leva o tubo devagar ao ouvido)* O que? *(coloca na boca)* Não, mandamos tudo o que tínhamos. *(Leva o tubo ao ouvido e escuta. Logo o leva a boca)* Sinto muito que tenha que lhes dizer isso. *(Volta a colocar o tubo no ouvido e escuta. A Gus)* O pastel de coco estava velho. *(Escuta. A Gus)* O chocolate estava derretido. *(Escuta. A Gus)* O leite estava azedo.

GUS – E as batatas fritas?

BEN – *(escutando)* Os biscoitos tinham fungos. *(Olha fuzilando Gus)* Bom, lamentamos muito tudo isso. *(Leva o tubo ao ouvido)* O que? *(A boca)* O que? *(Ao ouvido)* Sim, sim. *(A boca)* Sim, evidente. Claro, claro. Em seguida. *(Ao ouvido. A voz parou. Levanta o tubo. Nervoso)* Ouvia?

GUS – O que?

BEN – Ouvia o que ele me disse? Acenda a chaleira! Não ponha a chaleira no fogo! Não acenda o gás! Mas acenda a chaleira!

GUS – Como vamos acender a chaleira?

BEN – O que queres dizer?

GUS – Não temos gás.

BEN – *(esfregando a cabeça com uma mão)* O que vamos fazer agora?

GUS – Para que quer que coloquemos a chaleira no fogo?

BEN – Para fazer chá. Ele quer tomar uma xícara de chá.

GUS – Ele quer tomar uma xícara de chá! E eu? Toda noite desejando.

BEN – *(desesperado)* O que fazemos agora?

GUS – O que nós vamos beber? *(Ben se senta na cama, com o olhar fixo)* Eu tenho sede também. Morro de sede e de fome. E ele quer uma xícara de chá! Isso é o cúmulo, não te parece? *(Ben deixa cair a cabeça sobre o peito)* Não me viria mal algo pra comer. E tu? Parece que te cairia bem um pouco de comida. *(Se senta no lado direito da cama)* Mandamos tudo o que tínhamos e não está satisfeito. Não, é sério, é como se bater com a cabeça na parede. Por que o mandaste todas essas coisas? *(Pensativo)* Por que eu mandei? *(Pausa)* Quem pode saber o que tem ali em cima? No mínimo tem uma saladeira cheia. Algo devem ter. De nós não tiraram, mas agora. Notou que não pediram salada? Provavelmente tem ali em cima. Carne fria, radicche, calabresa... Repolho... Anchovas. *(Pausa)* De tudo. No mínimo, também tem um caixote de cerveja. Talvez, estão comendo minhas batatas fritas com um litro de cerveja neste momento. Não disse nada das batatas fritas? Não vão passar fome, te asseguro. Não pensas que vão ficar ali sentados, esperando que suba comida daqui, não? A buscarão em outro lugar. *(Pausa)* Não os faltará nada.

(Pausa) E esse quer uma xícara de chá! *(Pausa)* Ao meu juízo, isso é uma brincadeira de muito mau gosto. *(Olha Ben, se levanta e chega perto)* O que ouve? Não te vejo desanimado. Gostaria tanto de ter um Alka-Seltzer!

(Ben se incorpora)

BEN – *(com voz baixa)* Deve estar chegando agora.

GUS – Já sei. E a mim, não gostaria de trabalhar de estomago vazio.

BEN – *(farto)* Cala-te um momento! Quero te dar as instruções.

GUS – Pra que? Sempre fazemos as coisas da mesma maneira.

BEN – Necessito te dar instruções. *(Gus lança um suspiro e se senta ao lado de Ben na cama. As instruções se expressam e repetem automaticamente)* Quando recebemos a chamada, vai e te colocas de trás da porta.

GUS – Me coloco de trás da porta.

BEN – Se tocarem na porta, não respondas.

GUS – Se tocarem na porta, não respondo.

BEN – Mas não tocarão na porta.

GUS – E eu, por tanto, não responderei.

BEN – Quando o indivíduo entrar...

GUS – Quando o indivíduo entrar...

BEN – Fecha a porta depois que tenha passado.

GUS – Fecha a porta depois que tenha passado.

BEN – Sem fazer notar tua presença.

GUS – Sem fazer notar tua presença.

BEN – Ele me verá e virá até mim.

GUS – Ele te verá e irá até ti.

BEN – A ti não te verá.

GUS – *(distráido)* Eh?

BEN – Que não veras a ti.

GUS – Não veras a mim.

BEN – Mas veras a mim.

GUS – Veras a ti.

BEN – Não saberá que tu estas aqui.

GUS – Não saberá que tu estas aqui.

BEN – Não saberá que TU estas aqui.

GUS – Não saberá que eu estou aqui.

BEN – Eu pegarei o revólver.

GUS – Tu pegaras o revólver.

BEN – Ele se parará seco.

GUS – Ele se parará seco.

BEN – Se, se voltar...

GUS – Se, se voltar...

BEN – Tu estarás ali.

GUS – Eu estarei ali. *(Ben com aspecto carrancudo, franze a testa e a coça)* Te esqueceu de uma coisa.

BEN – Bom, qual?

GUS – De acordo com tuas indicações, eu não teria pegado meu revólver.

BEN – Tu pega teu revólver.

GUS – E fechei a porta.

BEN – E fechou a porta.

GUS – Antes, nunca te esquecesse este detalhe, te dá conta?

BEN – Quando tua venhas de trás...

GUS – Quando eu venha de trás...

BEN – Se sentirá transtornado.

GUS – Transtornado.

BEN – Não saberá o que fazer.

GUS – E que fará então?

BEN – Me olhará a mim e te olhará a ti.

GUS – Não diremos uma palavra.

BEN – O contemplaremos.

GUS – Não dirá uma só palavra.

BEN – Nos olhará.

GUS – E nós o olharemos.

BEN – Ninguém dirá uma só palavra.

(Pausa)

GUS – O que faremos se for uma mulher?

BEN – Faremos o mesmo.

GUS – Exatamente o mesmo?

BEN – Exatamente.

(Pausa)

GUS – Não mudaremos nada?

BEN – Exatamente igual.

GUS – Oh! *(Se levanta e se estica, se alongam, estremecendo-se)* Perdoa-me. *(Gus sai pela porta esquerda. Ben permanece sentado na cama, quieto. O vaso sanitário é acionado uma vez afora a esquerda, mas a água não sai. Silêncio. Gus volta a entrar e fica parado ao lado da porta, profundamente abstraído em suas reflexões. Olha Ben e logo caminha devagar até sua cama. Está inquieto. Fica de pé, pensando. Se volta e olha Ben. Avança uns paços até ele. Devagar, com tom baixo e tenso)* Para que nos mandou fósforos se sabia que não teríamos gás? *(Silêncio. Ben olha para frente. Gus cruza ao lado esquerdo de Bem,*

diante da sua cama, para falar-lhe ao outro ouvido) Ben, por que nos mandou fósforos se sabia que não teríamos gás? *(Ben levanta o olhar)* Por que fez isso?

BEN – Quem?

GUS – Quem nos mandou os fósforos?

BEN – Do que está falando?

(Gus o olha fixamente e baixa o olhar)

GUS – *(inarticulado)* Quem está em cima?

BEN – *(nervoso)* O que tem a ver uma coisa com a outra?

GUS – Bom, mas quem é?

BEN – O que tem a ver uma coisa com a outra?

(Rebusca seu diário na cama)

GUS – Te fiz uma pergunta.

BEN – Basta!

GUS – *(cada vez mais agitado)* Já te perguntei antes. Quem se mudou para aqui? Te perguntei. Disseste que os que estavam aqui haviam ido. Bom, quem veio em seu lugar?

BEN – *(que há tido um pressentimento)* Calado!

GUS – Te disse antes, certo?

BEN – *(de pé)* Te pedi pra calar-te!

GUS – *(febril)* Te disse quem havia sido o dono desta casa, certo? Te disse. *(Ben o bate com o braço em um ombro. Violentemente)* Bom, pra que está fazendo todos esses jogos? Isso é o que eu quero saber. Para que os faz?

BEN – Que jogos?

GUS – *(apaixonadamente, avançando)* Para que o faz? Conquistamos nossas provas, não é verdade? As aprovamos perfeitamente, certo? As fizemos juntos, lembra? Demonstramos que somos capazes. Cumprimos sempre com o trabalho. Pra que faz isso? O que propõe? Pra que todo esse jogo? *(de trás deles baixa o monta-cargas pela cavidade. O ruído vem acompanhado esta vez com um assobio estridente. Gus corre a abertura e pega a nota. Lendo)* “Scampi!” *(Amassa a nota, pega o tubo, assopra o apito e fala)* NÃO TEMOS NADA! NADA! ENTENDE?

(Ben toma o tubo e separa-se de Gus com um empurrão. Segue a Gus e lhe pega com força com o dorso de sua mão no peito)

BEN – Basta! Maniático!

GUS – Mas ouviu!

BEN – *(com fúria selvagem)* Basta! Previne-te! *(Silêncio. Bem pendura o tubo. Vai a sua cama e se cobre nela. Pega o diário e lê. Silêncio. O monta-carga sobe. Eles se voltam rapidamente e seus olhares se encontram. Lentamente, Gus volta ao lado direito de sua cama e se senta. Silêncio. A porta cai novamente em seu lugar. Eles se voltam e seus olhares se cruzam. Ben volta a seu diário. Silêncio. Bem atira o diário)* Ahhh! *(Levanta o diário e o olha)* Escuta isso. *(Pausa)* O que parece? *(Pausa)* Bah! *(Pausa)* Já ouviu coisa igual alguma vez?

GUS – *(entorpecido)* Segue!

BEN – É verdade.

GUS – Vamos!

BEN – Está aqui as letras de forma.

GUS – *(muito baixo)* Mas isso é certo?

BEN – Podia imaginar-lo?

GUS – É incrível.

BEN – Faz sentir vontade de chorar.

GUS – *(quase não se ouve)* Incrível.

(Ben mexe a cabeça. Deixa o diário e se levanta. Acomoda o revólver na pistoleira. Gus se põe de pé. Vai até a porta esquerda)

BEN – Aonde vai?

GUS – Beber um copo de água.

(Gus sai pela esquerda. Ben sacode a poeira da roupa e dos sapatos. Percebe-se o apito através do tubo acústico. Ben vai até o tubo, tira o apito e leva o tubo ao ouvido. Escuta. O leva a boca)

BEN – Sim. *(Ao ouvido; escuta. A boca)* Em seguida. Imediatamente. *(Ao ouvido; escuta. A boca)* Claro que estamos prontos! *(Ao ouvido; escuta. A boca)* Entendido. Repito. Se utilizará o método corrente. *(Ao ouvido; escuta. A boca)* Claro que estamos prontos! *(Ao ouvido; escuta. A boca)* Perfeito! *(Pendura o tubo)* Gus! *(Tira o pente e se penteia o*

cabelo, logo se arruma a bolsa para que não se note o revólver. A água vai ao tanque do banheiro afora a esquerda. Ben corre pressuroso a porta esquerda) Gus!

(A porta da esquerda se abre por um golpe. Ben se volta. Entra Gus cambaleando. Esta despojado da bolsa, do colete, da gravata e do revólver. Se detém com o corpo agachado, os braços aos lados; levanta a cabeça e olha Ben. Segue um largo silêncio e ambos se contemplam enquanto cai o pano)

www.desvendandoteatro.com